



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talhã-Lisboa • Telefone 5339 O.  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A CRISE DO PAPEL

Olhando às suas desgraçadas consequências, a crise do papel que em quasi todos os países da Europa ocidental se tem feito sentir com acuidade desde que a guerra se desencadeou é mais grave e mais digna das nossas atenções do que a primeira vista pode parecer. Este problema da verosímil carestia do papel não tem merecido aos homens que governam grandes atenções; e só a Espanha, ao que nos consta, adoptou medidas capazes de remediar os inconvenientes derivados da carestia do papel, mas medidas de que só beneficiaram os jornais. Mas, por detrás dos jornais estão os livros, e é o aumento de preço que estes sofreram em virtude do aumento de custo do papel o que mais nos preocupa. É raro que um jornal exerça uma acção puramente educativa, honestamente orientadora.

As sociedades, prepondera ainda nelas a influência burguesa, e é esta quem norteia a quasi totalidade da imprensa. Exceptuadas algumas poucas publicações, pôde dizer-se que, sob o ponto de vista moral, os jornais exercem uma acção mais prejudicial que benéfica. E acontece mesmo que os bons jornais, os honestos jornais estão, em virtude do custo do papel, quasi impossibilitados de viver, enquanto a imprensa venal, a que se submete a grupos financeiros ou influências políticas vê a sua existência perfeitamente assegurada, não em virtude das grandes tiragens, mas por mor dos lucros que a defesa de ilegítimos interesses lhes acarreta. De forma que, a carestia do papel vem agravar ou impossibilitar a existência apenas da imprensa que se obstina em manter-se honesta, enquanto a outra, a que se amolda a todas as propostas, a que não repele quaisquer obscuros acordos, vai arranjando sempre fáceis saídas para as dificuldades que da carestia do papel lhe possam advir.

Isto pelo que respeita aos jornais. No que concerne ao livro sabemos que ele encareceu de uma maneira louca. A compra de um livro começou a exceder já as possibilidades monetárias dos que não são ricos. De forma que se não lê, cada um procurando esquivar-se às despesas que não foram absolutamente indispensáveis. Uma sociedade que não lê é uma sociedade que não progride e antes retrocede. Estas são as consequências da crise do papel, e é talvez por isso que os governos se não tem preocupado com ela. O analfabetismo é, de facto, um grande flagelo; mas a sombra do analfabetismo, a sombra da ignorância dos que não sabem ler e dos que não sabem o que leem, tem a classe burguesa vivido regalada. Encher de luz o cérebro de um homem é por esse homem

em condições de raciocinar. E um homem que raciocina torna-se, dentro de uma organização social aleijada e iníqua, um elemento transformador e revolucionário. Depois da carestia do pão do corpo estamos a braços com a carestia do pão espiritual. Se a leitura de um livro é tida como uma necessidade imperiosa para todos aqueles que arduamente procuram enriquecer o cérebro, temos diante de nós uma outra necessidade que nos é impossível satisfazer. Os trabalhadores intelectuais, dada a diminuição do número de compradores de livros, já quasi não podem fixar numa obra o produto das suas reflexões, transmitir aos outros homens o fruto dos seus estudos. E os outros, os que pretendem aprender, impossibilitados estão também de recrear-se ou instruir-se por meio de uma valiosa obra literária ou de um belo trabalho de vulgarização. Vejamos bem toda a gravidade deste facto; atentemos nas consequências nefastas que a crise do papel está acarretando.

Compete à organização operária tratar deste assustoso problema. E ela a principal interessada. Iludir-nos-emos se julgarmos possível uma profícua transformação social antes do tornos feito subir o nível intelectual da massa trabalhadora, o que só se pode conseguir pela leitura e pela reflexão. Assim o compreendeu a C. G. T. francesa, que há dias aprovou a moção seguinte:

Os abalos causados pela guerra não chegaram ainda ao seu termo. O estado de paz relativa que rege actualmente o mundo deixa subsistir um estado de guerra no coração das nações. O capitalismo produz os seus danos e completa as devastações da metralha. Depois da carne, o espírito é também mutilado.

A vida intelectual está posta em perigo pela crise do papel. O monopólio dos grandes papelórios torna cada dia mais difícil a expressão do pensamento. Os educadores do povo, os professores encarregados de aumentar o património intelectual da nação estão desapercebidos dos seus instrumentos de trabalho e da matéria prima da Liberdade e da Luz.

A classe operária, mais ameaçada que qualquer outra, em consequência dos seus educadores correrem o risco de ficar reduzidos à impotência, levanta o seu veemente protesto contra o perigo encorajado e mantido pela fracção activa da burguesia que recela, pela seus privilégios, a educação das massas proletárias.

Alto protesto do alto pensamento científico, artístico, literário, ameaçado de paralisa total pelo privilégio — desonroso para o nosso país — dos fabricantes de papel, a Confederação Geral do Trabalho, no desejo único de salvaguardar o mais precioso património humano, junta todo o apoio da classe operária organizada.

Não podemos fazer menos que aprovar inteiramente a orientação da C. G. T. francesa, recomendando o problema à atenção de todos os nossos militantes operários.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### A arte dos doidos

Em Heidelberg acabam de coordenar-se os trabalhos artísticos dos loucos tratados pela clínica psiquiátrica. Não se trata de produções executadas por artistas que enlouqueceram mas de trabalhos de indivíduos que já depois de mentalmente alienados se dedicaram a qualquer ramo artístico. Uma grande casa editora tem no prelo um album reproduzindo desenhos, baixos relevos e esculturas executadas por doidos. O dr. Prinzhorn, afamado crítico de arte, afirma num estudo que prefacia o album que os trabalhos reproduzidos poderiam figurar em qualquer exposição. Enquanto os doidos fazem arte desta acérrima maneira muitos dos artistas tidos por ajuizados parece que porfiam e escangalhar-nos o miolo.

### Entrudo

O primeiro dia de Carnaval arrastou-se ontem sob uma atmosfera envenenada e fria. Máscaras, raras; alegria nenhuma. Na tristeza do dia que o sol se não dignou alumiá-lo, a população deambulava nas ruas com aquele ar compungido de quem acompanha um enterro. Os mais tristes de todos eram os mascarados. Uma grande monotonia no ambiente, um grande tédio nas almas. Foi assim que decorreu o primeiro dia deste desconsolado Carnaval.

### Em Inglaterra

Também em Inglaterra a baixa do custo dos géneros se verifica. Baixou o vestuário, baixou o calçado, baixou o preço dos géneros alimentares. Em Inglaterra o custo da vida subiu pouco durante a guerra, pouco em comparação com o que em Portugal se verificou. Pois essa mesma pequena subida agora parcialmente se anula. Entre nós é como se sabe. Em cada dia se vê encarecerem todos os produtos. Isto marca o progresso indiscutível do nosso país.

### Pensamento

A arte e o génio tem-se classificado segundo as épocas. A nossa é a do trabalho industrial. Se quisermos tornar solidamente rompanos com o passado — e que as nossas construções, morais ou materiais, tenham o cunho dos tempos que passam. — G. Dumoulin.

## A BATALHA

Reedem hoje, pelas 20 horas, as comissões de redacção e administração de *A Batalha*, para apreciação duma proposta.

## A greve dos trabalhadores dos jornais

### O ódio das empresas

Nenhuma alteração se produziu no movimento grevista. Simplesmente *O Jornal* continua a vomitar o seu ódio contra os grevistas, sem conseguir, de tam baixo porte é o ataque, atingi-los.

Os descarados convites que as empresas estão fazendo ao governo, para que este entre no caminho da violência e das perseguições, é natural que não sejam ouvidos.

A não ser que os governantes tenham a ingenuidade de acreditar nas falsidades que só o despeito dos industriais do jornalismo dita. Não lhes convém que um certo número de verdadeiras venha a lume. Na impossibilidade de desmentir-las com argumentos, com provas convincentes, preparam a campanha traçoira e odienta.

E' mania de sempre, de querer ocultar a verdade. Mas ela a despeito de tudo vem sempre a saber-se.

## UMA CONVERSA CURIOSA

## Os socialistas franceses

### Interessantes impressões de quem os conhece de perto

O sr. José Bragança, com quem tive-mos há dias o prazer de conversar, é mais um parisiense do que um português. Tanto o seu físico: louro, fisionomia simpática e a sua palavra por vezes irónica como a sua longa permanência em Paris contribuem grandemente para que tomemos por um francês amigo de viajar, que se deixou ficar por Lisboa algum tempo estudando a pacatez nacional.

O sr. José Bragança não milita no campo socialista, mas conhece os socialistas franceses. E' amigo duns e conhecido doutros. Comenta-os a seu modo, com graça, com verve. E' por isso que uma conversa com o sr. José Bragança, transcrita na *Batalha* tem fielmente quanto possível, agradará certamente aos leitores.

Desnecessário será dizer que essa conversa recaiu sobre os socialistas franceses, sobre o Congresso de Tours e III Internacional. Longuet, Cachin, Boncour, Blum, Rappoport e outros passaram sucessivamente na conversação, animados por um recorte especial de frase — segredo de José Bragança — que nós não sabemos imitar, como conviria.

Principiava a conversa, com ríspido, sobre a scisão do Partido Socialista Francês.

— Em França, pouco tempo antes da realização do Congresso de Tours, toda a gente desejava a scisão — já dizendo o nosso novo amigo. — Esse ambiente foi preparado uns quatro ou cinco meses antes do referido Congresso. Se há uns seis meses se falasse de scisão à maioria dos socialistas, ela reputa-la de prejudicial. Porém, em pouco tempo, as coisas modificaram-se e a scisão acabou por ser encarada por quasi toda a gente como medida útil para todas as nuances socialistas.

— E' quais eram as nuances mais acentuadas? — interrompem. — Eram três: os que desejam a II Internacional; os que aderiram a III e os reformistas.

— E sabem quem são os da segunda e terceira?

— Segunda e terceira? Em que consiste tam esquisita denominação? — fizemos nós admirados.

— Creiam, continuou o sr. Bragança, sorrindo — que não estou fazendo blague. Os da segunda e terceira são os reformistas, que não aceitam a II Internacional nem a III. Eu contram-se entre estes dois polos. A terceira é para eles demasiado autoritária; a segunda, velha e fraca. Por isso o espírito *blagueur* dos franceses classificou estes socialistas de partidários da segunda e terceira.

— Talvez a tradução à letra seja: entre as dez e as onze — dissemos, rindo.

— Mas não percamos o fio à conversa — continuou Bragança. — Os da segunda Internacional, chefiados por Paul Boncour, Renaudet e Leon Blum, pretendem a colaboração com o governo, a nomeação de ministros socialistas, etc., etc. E lá defendem as suas razões. Os reformistas, os da segunda e terceira, não falam de colaboração, aderir à Terceira Internacional, mas com a condição de lhe poderem introduzir modificações no sentido de destruir a rigidez, o despotismo que a caracteriza. Enfim, aceitam no fundo a Terceira Internacional e não na forma. Quanto aos últimos, os comunistas, aderem a Moscú incondicionalmente.

### Os «super-extremistas» dão lugar ao riso — Os moderados são postos de parte

O temperamento dos franceses, meridional como o nosso, presta-se a todos os exageros. O Tartarin de Daudet, encontra-se em França sob vários aspectos. E' natural, pois, que entre os socialistas ele apareça também.

— Se os franceses — continuou o nosso amigo — cognominaram os que estão com Longuet, de partidários da segunda e terceira, também no Congresso de Tours surgiu de entre os extremistas, os comunistas, um grupo de 44 delegados (tudo rapaziada nova e cheia de vida) amigos do exagero até ao impossível, que achando o programa comunista insuficiente, se classificaram a eles próprios de *super-extremistas*. Como compreendem, isto tem provocado riso e blague. Por outro lado, segundo afirmou Rappoport, extremista, o melhor discurso foi o de Leon Blum, o que apresentou a moção mais moderada do Congresso. Os seus argumentos e a forma como os expôs calaram fundo.

— No entanto, não foi a moção de Blum que triunfou — interrompem nós.

— Não. A moção de Cachin obteve três quartos partes dos votos do Congresso.

— Foi um verdadeiro triunfo para os comunistas! — exclamamos.

### Algumas figuras do socialismo francês — Rappoport, o abstrator das quintas essências

Há algumas figuras marcantes no socialismo francês, que em Portugal são apenas conhecidas de nome e pela sua vida pública. Porém, de longe, fazemos quasi sempre uma ideia muito diversa daquilo que as coisas são na realidade. O sr. José Bragança, casualmente, deu-nos verdadeiras novidades acerca das três cabeças — podemos dizer —

zê-lo assim — das três nuances socialistas francesas.

Por exemplo, começando por Boncour, dos moderados, fiéis à Segunda Internacional.

— Boncour, que foi ministro, tem toda a aparência do *snoob*. Veste impecavelmente, frequenta a alta sociedade, e usa moçoilo. Discursa com elegância, a sua frase é plástica, cuidada, plena de beleza. Outro tanto não diremos de Cachin, que, por vezes, no meio dum discurso violento, suando em bica, despe o casaco e fala em mangas de camisa.

— E Longuet, o da segunda e terceira?

— Perguntámos, curiosos.

— Longuet — respondeu-nos o sr. Bragança — é uma alta figura moral. E' ainda neto ou genro de Karl Marx. A sua linha de conduta tem sido impecável. Durante a guerra encarnou, pôde-se dizer, o espírito anti-militarista francês. Nunca votou, como Cachin actualmente tem popular, os créditos de guerra. Sofreu, devido a essa atitude, todas as ameaças e vexames, mas não se acobardou.

— O sr. Bragança conhece algum dado interessante acerca de Rappoport, o esquerdistas já celebre? — perguntámos.

— Conheço Rappoport intimamente. Rappoport é um metafísico do socialismo, um *blagueur* interessantíssimo. Lembro-me que uma vez, em conversa, lhe chamei fanático, o que deu lugar a que ele me respondesse:

« Dans ce monde, mon cher, il n'y a que des fanatiques ou des fumistes. (Neste mundo, meu caro, não há senão fanáticos ou vigaristas). »

Rappoport, que é judeu, é conhecido em Paris pelo abstrator das quintas

essências.

### O que dizem de Cachin — «L'Humanité» disputada pelos extremistas e moderados

— E que nos diz, sr. Bragança, de Cachin, cujo nome já corre meio mundo?

— Acerca de Cachin correm boatos alarmantes. E' natural que não tenham fundamento. Diz-se que veio da Rússia no firme propósito de tomar conta do jornal socialista *L'Humanité* e com dinheiro que os bolchevistas lhe forneceram fazer a propaganda da Terceira Internacional *d'outance*. Notem, meus amigos, que eu apenas reproduzo o que anda, em Paris, na boca dos próprios socialistas. Parece que Cachin contava com a scisão do Partido Socialista para fazer passar *L'Humanité* ao papel de órgão comunista. Surge porém, uma eventualidade que que Cachin, a quem chamam *fumiste*, não contava: o Partido Socialista não desapareceu, de forma que *L'Humanité*, órgão oficial do partido, continuará a defender o partido. Cachin e os comunistas não desanimaram, alegando que, sendo maioria, tem direito ao jornal. Esta questão foi levada aos tribunais e parece que Cachin não levará a melhor.

Despedimo-nos já do sr. Bragança, quando este nos chamou para nos fornecer um pormenor interessante que nos apressámos a apontar:

— Podem dizer aos seus leitores, que o que mais interessou aos franceses, não foram os debates do Congresso, onde se produziram os melhor fundados ataques contra a ditadura; o que mais interessou — dizia — foi: se viriam de Moscú, um pouco por consideração pela grande figura moral que é Longuet, ordens modificando as condições de adesão do Partido, que permitissem a Longuet aceitar a Terceira Internacional.

E, como sabem, apenas vieram alguns insultos dirigidos ao velho militante socialista...

### A Imprensa operária

Recebemos o n.º 25 de *A Imprensa*, boletim mensal da Associação do Pessoal da Imprensa Nacional, que se apresenta bem redigido.

Que continue sempre a fazer-nos a sua visita, são os nossos desejos.

— Acaba de entrar no seu 9.º ano *O Construtor*, órgão da Federação da Construção Civil, que se tem sabido manter impávido no seu posto de combate.

Folha revolucionária, ela continuará na linha de fogo, não dando tréguas a quem se pretenda esmagar a organização operária, avançando para o futuro sempre na defesa das reivindicações do proletariado.

Saudamos efusivamente *O Construtor* e a numerosa classe de que é órgão.

### Contra a taberna

Desde a última assembleia geral da Associação Anti-Alcoólica Operária, tem-se recebido as colizações relativas ao corrente mês e grande número de adesões individuais, sendo de esperar que em breve suba a algumas centenas a inscrição de trabalhadores de todo o país que desejam cooperar na campanha anti-alcoólica operária que os camaradas organizadores tem planeado com tanto critério.

Carece-se de mais recursos e elementos conscientes que tornem forte esta Associação e habilitem os seus dirigentes a efectivar uma obra positivamente benéfica, que honre a organização operária de Portugal, para cuja vontade a comissão faz este novo apelo com a certeza de encontrar um soldado.

## ROBUSTECENDO A ORGANIZAÇÃO

## A Conferência Inter-Sindical do Porto

### Os seus resultados serão profícuos

Continua a discussão do número 7 As classes liberais perante o sindicalismo

PORTO, 4-C-M. Joaquim de Sousa declara que a C. G. T. ainda nada estabeleceu de concreto a respeito do assunto em debate. E, divagando, explica o motivo porque os elementos intelectuais tem andado arredios dos elementos manuais.

Uns receberam a instrução nas escolas, enquanto outros a receberam na oficina. Como resultante, porém, da evolução que os factos e as coisas tem levado, as classes liberais tem olhado agora mais um pouco para as questões sociais, embora haja muitos que ainda não as compreendem bem.

Entre essas classes somente uma não pode entrar na C. G. T. devido à sua natureza específica que se baseia na função jurídica, a qual tem de desaparecer com a transformação da sociedade. As outras ficam, por indispensáveis.

Um arquitecto pode entrar no S. U. da Construção Civil; um engenheiro de minas, no Sindicato Mineiro; um médico no Sindicato de Limpeza, Higiene e Saúde. E assim entrarão na C. G. T.

E' provável, no entanto, que isto nunca se dê, visto estar convencido que a Revolução os surpreenderá antes. Muitos componentes das classes liberais tem uma noção errada do que seja a Revolução Social, o que os tem tornado ainda mais afastados dos operários manuais. E, em esforço da sua asserção, cita o pedagogo João Deus Ramos que tem um imenso amor pela sua biblioteca e museu, manifestava o receio de que a multidão os destruísse, quando apenas se trata de destruir a burguesia nos seus fundamentos jurídicos, políticos e sociais.

E, todavia, o pedagogo entende que a pedagogia só será mais útil e profícua tornando-a comunista. Deve-se, pois, desfazer as más impressões e aceitar a cooperação das classes liberais que o queiram fazer de boa fé.

Fortes, dando explicações, mostra-se satisfeito com as palavras do secretário geral da C. G. T. Julgo tratar-se da colaboração das classes liberais fora do sindicalismo. Posto que assim não é, mantendo-se a ortodoxia sindicalista, está de acordo.

Cristiano de Carvalho envia para a mesa o seguinte documento:

Definida a situação das chamadas classes liberais, através do desenvolvimento histórico, político e social, em face do Estado burguês, centralizador e absorvente de todas as iniciativas, resta à assembleia discutir-se: 1.º E' possível ingressarem na organização, excluída, conforme a essência do seu estatuto fundamental, a acção política? 2.º E como concretizar essa acção? 3.º Até que ponto e em que extensão não de actuar?

Depois das explicações de Cristiano de Carvalho e de objecções de M. J. de Sousa, reconhece-se que as perguntas formuladas no documento acima transcrito são assunto para tese, pelo que é apresentada pelo secretário geral da C. G. T. a seguinte proposta, que foi aprovada:

Propõe-se que as questões postas em debate, resultantes do n.º 6 da ordem dos trabalhos desta conferência, sejam submetidas ao estado da organização inter-sindical da C. G. T. e que por este organismo sejam, em tese, presentes ao próximo Congresso Nacional Operário.

Bento da Cruz apresenta uma proposta para que seja tirado um manifesto aos intelectuais, que lhe aceite, mas depois da C. G. T. assim o entender.

### E' apresentado o parecer

Nesta altura é lido o parecer sobre os documentos que baixaram à comissão. Concorda com a moção de Luis de Carvalho, referentemente a deixar a liberdade aos militantes das diferentes classes de imprimirem às mesmas a directriz que julgarem mais praticável dentro das actuais normas da organização, recomendando-lhes, no entanto a necessidade da constituição dos sindicatos únicos; aceita a proposta de Silva Pereira, quanto à impressão das resoluções da conferência inter-sindical, discordando apenas na forma do roteiro que entende dever ser feito proporcionalmente pelo número de sindicatos; e perflita a doutrina da proposta de Lourenço da Costa Peixoto, que advoga a necessidade de se trabalhar no sentido de se conseguir um edifício próprio para a organização.

Teodoro Ribeiro alvitra para que haja um entendimento com a direcção da

Conferência ficou memorável, excedeu a expectativa de todos aqueles que a promoveram. O valor dela não reside bem nas resoluções que foram tomadas, mas na propaganda revolucionária que lá se fez. Porque a conferência inter-sindical representou quatro brilhantes sessões onde se expuseram as mais francas afirmações de princípios revolucionários. Foi um verdadeiro congresso em miniatura, onde as ideias se entrecrocaram, onde a fé pareceu revigorar e as energias levantarem-se. Por assim dizer, foi uma excelente preparação para o próximo congresso nacional, onde as mais libertárias e revolucionárias opiniões serão debatidas com paixão. A conferência inter-sindical veio a propósito e veio a tempo, porque agora, com a pressa com que o patronato secretamente se organiza, é que verdadeiramente a luta se vai travar, mais renhida, encarniçada, senão sangrenta mesmo.

Há um sem número de coisas a combater, entre as quais os escândalos industriais, as manjancias comerciais e as patifarias dos senhores. A U. S. O. estava quasi que impossibilitada de tratar destas questões magnas, por falta de uma vida robustecida.

Num grito de alerta, convocou-se a conferência, onde o perigo foi bem ponderado e pesado, sendo crença geral de que tudo se vai modificar, no sentido de uma melhor harmonia de vistas e de uma acção mais franca e mais profícua — consoante reclamam as actuais circunstâncias de momento — nos exige o futuro.

Enfim, a conferência marcou o início de uma era nova para a organização operária portuguesa. Que ela seja bem compreendida.

prios pagaram. Disseram-nos ainda que um farmacêutico de nome Valentim, conhecido por artimanhas idênticas, também ajuda a fazer o negócio.

Como está nomeada uma comissão de inquerito aos actos dos referidos srs., chamam para estes factos a sua atenção.

Da direcção da Liga Aliança Mutualista recebemos uma extensa carta, que por absoluta falta de espaço não podemos hoje publicar, e da qual daremos próxima mente um extracto.

### Pela "Aliança Mutualista"

Procuraram-nos Adriano Alves Filipe, Adriano Pereira, Porfírio Val, Manuel Mateus Gomes e Manuel Bernardo dos Santos, todos cobradores da *Liga Aliança Mutualista*, para nos comunicarem que foram injustamente despedidos.

Os srs. José André do Nascimento, Francisco Amado Nascimento e Bernardino Costa são agora, dentro da *Liga Aliança Mutualista*, uma espécie de patrões. Conseguiram pôr fora a direcção transacta para lá se meter e fazer o que lhes apetece. Assim, trataram de despedir os oito cobradores que lá havia, entre eles, aqueles cujo nome acima publicamos para meter outros que recebendo apenas 8 % de comissão façam o serviço que eles faziam ganhando a comissão de 13 %.

Os 10 % que sobram desta transacção reverterão a favor das algebras dos novos patrões.

Também nos disseram que para preparar uma assembleia geral favorável aos seus maneios arranjam a nova direcção sócios *ad hoc* cujas cotas eles pro-

Casa do Povo, acrescentando-se o edifício, onde todos ficarão — alvitre rogeitado, por se reconhecer anteriores deslealdades cometidas por aquela sociedade. Francisco Viana propõe para que, por mês, ou de dois em dois meses, cada operário contribua com um dia de salário. Albino de Magalhães, da Fraternal dos Inquilinos, diz que esta colectividade tem em mira construir um edifício para os seus sócios e que, por tanto, a U. S. O. podia unir-se à Fraternal, empenhando-se, conjuntamente, em adquirir casa própria para todos. Por fim, foi aprovado o parecer, procedendo-se à nomeação da comissão respectiva, consoante a proposta de C. Peixoto, que ficou assim constituída: Manuel Ferreira, da construção civil; Albino Magalhães, da Fraternal dos Inquilinos; Lourenço Peixoto, autor da proposta; Emilio Teixeira, da indústria de mobiliário; Amílcar Pereira Dias, manufaturador de calçado.

Emilio Teixeira de Almeida envia para a mesa a seguinte proposta:

Atendendo a que o governo republicano francês mandou, arbitrariamente, encerrar a Confederação Geral do Trabalho do seu país, proponho: 1.º que esta conferência proteste contra tam violento gesto da reacção francesa, acobertado pela bandeira republicana; 2.º que deste protesto seja dado conhecimento, por intermédio da C. G. T., ao governo daquele país.

Foi aprovada, entre manifestações, bem como um aditamento para que igual conhecimento desta resolução seja dado à C. G. T. francesa.

Saudação à «Batalha»

Foi aprovada uma saudação à *Batalha*, sendo erguidos vivas, e tirando-se uma quela para os presos por questões sociais.

O encerramento

Estavam terminados os trabalhos. Então o presidente, por especial deferência, confiou o discurso do encerramento da conferência a Cristiano de Carvalho, que improvisou uma bela e empolgante oração alusiva ao acto. Teve esta frase bem adequada: «Há 132 anos, um punhado de homens firmes jurou jamais dissolver-se enquanto não desse à França uma Constituição. E deu-lha. Pois bem. E' preciso também que todos os que estiveram nesta conferência não se dissolvam igualmente, formando um pacto, para levar a efeito o compromisso aqui tomado.»

Terminado o discurso de Cristiano de Carvalho, que arrebatou a assembleia, foi encerrada a conferência, levantando-se vivas à C. G. T., Revolução Social, *A Batalha*, etc., revolvendo a assistência, durante alguns minutos, *A Internacional*.

A conferência ficou memorável, excedeu a expectativa de todos aqueles que a promoveram. O valor dela não reside bem nas resoluções que foram tomadas, mas na propaganda revolucionária que lá se fez. Porque a conferência inter-sindical representou quatro brilhantes sessões onde se expuseram as mais francas afirmações de princípios revolucionários. Foi um verdadeiro congresso em miniatura, onde as ideias se entrecrocaram, onde a fé pareceu revigorar e as energias levantarem-se. Por assim dizer, foi uma excelente preparação para o próximo congresso nacional, onde as mais libertárias e revolucionárias opiniões serão debatidas com paixão. A conferência inter-sindical veio a propósito e veio a tempo, porque agora, com a pressa com que o patronato secretamente se organiza, é que verdadeiramente a luta se vai travar, mais renhida, encarniçada, senão sangrenta mesmo.

Há um sem número de coisas a combater, entre as quais os escândalos industriais, as manjancias comerciais e as patifarias dos senhores. A U. S. O. estava quasi que impossibilitada de tratar destas questões magnas, por falta de uma vida robustecida.

Num grito de alerta, convocou-se a conferência, onde o perigo foi bem ponderado e pesado, sendo crença geral de que tudo se vai modificar, no sentido de uma melhor harmonia de vistas e de uma acção mais franca e mais profícua — consoante reclamam as actuais circunstâncias de momento — nos exige o futuro.

Enfim, a conferência marcou o início de uma era nova para a organização operária portuguesa. Que ela seja bem compreendida.

prios pagaram. Disseram-nos ainda que um farmacêutico de nome Valentim, conhecido por artimanhas idênticas, também ajuda a fazer o negócio.

Como está nomeada uma comissão de inquerito aos actos dos referidos srs., chamam para estes factos a sua atenção.

Da direcção da Liga Aliança Mutualista recebemos uma extensa carta, que por absoluta falta de espaço não podemos hoje publicar, e da qual daremos próxima mente um extracto.

### Na Turquia

Kemal diz que só ele representa o povo turco

PARIS, 6.—O governo de Mustapha Kemal dirigiu uma mensagem a todos os governos, pretendendo que só ele representa a Turquia e que por esse motivo só ele tem o direito a defender os interesses da Turquia na próxima conferência de Londres. — Rádio.

Vende-se na Rua da Bica do Sapato, 16-A.

## CONSELHO JURIDICO DA C. G. T.

Para discussão de dois pareceres, que vão ser submetidos ao Conselho Confederal, reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Jurídico, com a presença do respectivo advogado e do secretário geral da C. G. T.

O advogado não dará hoje consulta, para as quais se marcará um dia desta semana.



